



Êxodo: Transação de jogadores brasileiros para o exterior¹

Rafael Paco Franchim², José Ricardo Camargo Felisberto³ e Luís Augusto Spezzotto⁴

Faculdade Prudente de Moraes – Itu/SP
Orientador: Professor Luiz Veloso

Resumo

A reportagem especial "Êxodo: Transação de jogadores brasileiros para o exterior", projeto experimental radiofônico, duração de 15 minutos, têm como objeto de estudo as transações internacionais com enfoque nos atletas profissionais e amadores, além contexto familiar, financeiro e profissional que engloba a relação entre empresários, clubes, empresas, advogados, entre outros personagens. O tema foi escolhido pelo ineditismo, de forma a entender como um jogador é negociado entre clubes e quem participa dessa transação, além de ilustrar o atual cenário do futebol brasileiro, tendo como angulação as transações internacionais e o reflexo dentro dos clubes nacionais e o surgimento de clubes empresas. O trabalho expõe os favorecidos ou não e suas conseqüências diante de uma negociação internacional.

Palavras-chave

Sonho; Futebol; Transação; Dinheiro; Legislação

¹ Trabalho apresentado ao Expocom, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Aluno de graduação do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.
rafaelpaco@gmail.com

³ Aluno de graduação do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.
ricardo.itujovem@yahoo.com

⁴ Aluno de graduação do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.
kakaspezzotto@hotmail.com



Corpo do trabalho

De ontem até hoje

“Era impossível evitar que os craques brasileiros não fossem para o exterior, pois os clubes não estimulavam os jogadores a permanecer. Além de não serem reconhecidos profissionalmente, sempre havia divergências econômicas com os clubes que defendiam.” (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006: 22)

Essa era a situação antes mesmo da profissionalização do futebol brasileiro em meados de 1930, onde os jogadores saíam por motivos financeiros e até mesmo pelo preconceito profissional que era evidente dentro do esporte durante seu início no Brasil. Para conter na época este já crescente êxodo de atletas para o exterior em clubes e principalmente para seleções a saída encontrada foi à profissionalização do esporte que por muitos, ainda seria um erro. Um caso clássico é o primeiro brasileiro campeão mundial de futebol, Amphilóquio Guarisi (Filó), sendo campeão jogando pela Itália, em 1934. Também Mazzolla, quase 30 anos depois, campeão com o Brasil em 1958, jogaria pela Itália como Altafini.

Atualmente esses casos acontecem como Deco, que joga por Portugal, além de desconhecidos, como Eduardo da Silva, naturalizado croata, que defende a seleção do país e foi o artilheiro da seleção nas Eliminatórias da Eurocopa de 2006; Dos Santos e Clayton, naturalizados tunisianos, Mehmet Aurélio, ex-Marco Aurélio, primeiro estrangeiro a defender a seleção da Turquia; Kuranyi e Paulo Rink na Alemanha, entre muitos outros.

Porém, esta saída de jogadores já gerava efeitos nos gramados pela baixa qualidade técnica e principalmente pela ausência do público que começou a perder a identificação com os clubes da época e os conseqüentemente trouxe um problema vivido até hoje que é a crise financeira, a falta de dinheiro dos clubes.

Ambas as gerações da bola tinham os mesmos objetivos no momento em que fugia do Brasil para um país da Europa, América Latina ou fechar um contrato milionário para atuar na Europa, Ásia e Oriente Médio: a independência financeira e o reconhecimento dentro do esporte; os objetivos não mudaram, porém a quantidade de “grana” que envolve atualmente as transferências ultrapassou os limites imagináveis, transformando o jogador brasileiro em especial em um produto.



“O futebol acabou virando um negócio, acabou virando também um grande mercado de compra e venda, só que aí com a particularidade de serem seres humanos... e o brasileiro produz atleta, produz futebol” (Luiz, Oswaldo. 2008)

O futebol brasileiro passa por um dos momentos mais difíceis de sua história, comparado a perda do título mundial de 50, disputado em casa, em pleno Maracanã, mas agora a perda não é a de um título e sim de quem possa ganhar novos campeonatos mundiais para o país do futebol, que seus craques.

Apesar do aumento de transferências ano após ano, um fato decisivo contribuiu para a avalanche de contratações e transações para exterior, não somente provindas do Brasil, mas sim de países com boa qualidade técnica no esporte e por serem países de uma economia subdesenvolvida, fato no qual impossibilita a concorrência com países europeus, até mesmos socialistas que são mantidos pelo estado em sua totalidade. O fato ocorreu com Jean Marc Bosman, jogador belga, que foi o primeiro atleta profissional a entrar na justiça pela livre escolha de transferência. O jogador tentou trocar de time, migrando para um time Frances, porém isso não aconteceu então o belga, abriu ação judicial, repassada ao Tribunal Europeu.

Emitido pela Corte de Justiça da Comunidade Européia em 15 de dezembro de 1995, a lei Bosman colocou um ponto final à restrição de jogadores europeus nos clubes da União Européia, além da Noruega Islândia e Luxemburgo. Para liberar de vez a circulação de atletas em praticamente todo o mundo as Federações da Rússia, das antigas Repúblicas Soviéticas, do caribe e da África firmaram um acordo para autorizar as transações de atletas entre esses países.

Três anos depois do caso Bosman, o Brasil entrou no mesmo sistema com a implantação da Lei Pelé, que pôs a Lei do Passe, tirando completamente o poder dos clubes e repassando para o jogador, lhe dando o direito de trocar de emprego, ou seja, de clube no momento em que achar conveniente respeitando as cláusulas contratuais assinadas anteriormente.



“A transformação do futebol em uma atividade que ultrapasse os limites da disputa esportiva para ganhar contornos de negócio não pode ser desperdiçada por um país carente de recursos e de políticas sociais de grande impacto” (Pelé, prefácio do livro “A nova gestão do Futebol”)

A partir daí o futebol Brasileiro começou a virar puramente negócio como o jornalista Oswaldo Luiz cita anteriormente, tratando o jogador como negócio e mercadoria. Nesse momento uma figura que cresce dentro do futebol brasileiro é o empresário, o agente, o procurador; todas em busca de sua porcentagem dentro do futebol e em cima de um jogador seja ele brasileiro ou estrangeiro.

Porém existem algumas diferenças entre essas “profissões” citadas acima. Em termos nacionais, o empresário ele tem plenos poderes para adquirir um percentual de algum atleta e posteriormente negociá-lo no mercado nacional, colocando o jogador nesse ou naquele clube, já o procurador tem a incumbência de achar, encontrar um time para o atleta e liberá-lo para atuar.

Somente os Agentes credenciados pela Fifa podem mediar transações internacionais. Para que um simples empresário se torne agente Fifa ele precisa passar por um teste de conhecimentos. Seus ganhos nas transações ficam em torno de 10%. A importância crescente desses empresários/Agentes faz com que muitos os considerem as forças políticas centrais no futebol brasileiro hoje, superando o poder dos dirigentes dos clubes.

Em resolução de Diretoria RDI N° 06/2004 o Presidente da CBF Ricardo Terra Teixeira, no estado do Rio de Janeiro, dia 30 de junho de 2004, divulgou no site oficial da CBF (<http://www.cbf.com.br>) uma nova norma para o futebol brasileiro:

“ I - Em cumprimento ao mandamento da FIFA, determinar que jogadores e clubes somente efetuem negociações por intermédio de Agentes de Jogadores licenciados pelas Associações Nacionais.

II - Toda vez que forem noticiadas negociações entre jogadores ou clubes com a intervenção de pessoas que não estejam devidamente habilitadas, com a licença emitida por uma Associação Nacional, será feita a devida comunicação aos órgãos competentes da Justiça Desportiva para a adoção das medidas punitivas adequadas.”

(Documento da CBF/ WWW.CBF.COM.BR)



Ainda com a preocupação de buscar novas saídas para diminuir o êxodo de atletas para o exterior, além de considerar que esse processo causa prejuízos à estrutura e as competições realizadas no país e com a intenção de coibir de forma enérgica as transações internacionais segundo o documento divulgado pelo site oficial da CBF (www.cbf.com.br), o Presidente Ricardo Teixeira decidiu em mais uma resolução de diretoria da CBF, Confederação Brasileira de Futebol, uma nova norma. Agora é definição de dois períodos fixos para se realizar qualquer espécie de transferência internacional de jogadores brasileiros a partir de 1º de Janeiro de 2005.

“ 1-Fixar o primeiro período para transferências internacionais de 2 de janeiro a 20 de fevereiro, e o segundo período de 1º a 31 de julho de cada ano.

2-Estabelecer que as transferências solicitadas no segundo período serão objeto de verificação a respeito das razões que possam justificar o pedido, consoante exige a alínea “b”, do § 1º, do art. 2º do Regulamento de Aplicação do Regulamento FIFA sobre o Estatuto e a Transferência de Jogadores.” (Documento da CBF/WWW.CBF.COM.BR)

Com a regularização da CBF com relação às transferências internacionais, o número de agentes FIFA cresceu de forma assustadora e com isso o êxodo de atletas aumentou devido a facilidade de se transferir um atleta profissional.

Porém estas medidas não surtiram muito efeito, agora ficou apenas mais restrito o período, porém não diminuiu o êxodo tanto. O site oficial da CBF aponta que 1.176 jogadores deixaram os gramados brasileiros em 2008 para jogarem em clubes estrangeiros.

Segundo o site Oficial da CBF, Confederação Brasileira de Futebol, o número de atletas vendidos ao exterior nos últimos três anos principalmente vem crescendo de maneira significativa como mostra a tabela abaixo com a relação de número de jogadores que são exportados pelo futebol nacional desde 2002.



ANO	NÚMERO DE ATLETAS
2002	665 jogadores
2003	858 jogadores
2004	857 jogadores
2005	804 jogadores
2006	851 jogadores
2007	1.085 jogadores
2008	1.176 jogadores

*Fonte: Site oficial da CBF (www.cbf.com.br)

No entanto, os destinos já não são os mesmos de tempos atrás, onde os principais países da Europa eram o alvo do profissional da bola. No ano de 2006 onde saíram 851 jogadores para o exterior, mais de 86 países tiveram jogadores brasileiros contratados, como Líbia, Uzbequistão, Ilhas Faroe, Chipre, Vietnã, Tailândia, com pouca tradição no sistema futebolístico. Apesar de países de pouco futebol, o dinheiro arrecadado segundo o Banco Central foi mais de US\$ 130 milhões de dólares em transações. Para o jornalista e narrador da Rede Globo, Luiz Roberto, a saída dos jogadores se deve exclusivamente por motivos financeiros.

“O êxodo de jogadores, motivo numero 1: é a questão econômica, nós não conseguimos pagar os que os europeus pagam os asiáticos, o oriente e tudo mais. então nós temos inúmeros jogadores brasileiros jogando fora do Brasil por uma questão puramente econômica... O cara vai receber um convite na Bulgária, o cara vai, ele vai receber um dinheiro em um curto espaço de tempo que nunca mais vai receber na vida inteira no Brasil...” (ROBERTO, Luiz. 2008)

As transações milionárias são poucas perto dos 5 mil jogadores que estão fora do país jogando futebol. O glamour do futebol europeu, asiático e oriente médio devido ao dinheiro exorbitante é de privilégio de poucos profissionais e por esse motivo outro



índice também vem aumentando a cada ano, e principalmente a cada janela de transferência que se encerra o número de retornos de atletas para o Brasil.

Não é a maioria, porém só neste ano são 52% de jogadores que saíram que estão voltando do futebol estrangeiro, seja por causa da adaptação cultural ou forma de jogo, mas é um número expressivo que tem de se levar em consideração. A Confederação Brasileira de Futebol somente disponibiliza os dados a partir de 2005 com relação ao número de atletas que retornam ao país após tentar sua vida futebolística no exterior.

ANO	NÚMERO DE JOGADORES
2005	491 jogadores
2006	311 jogadores
2007	489 jogadores
2008	659 jogadores

*Fonte: Site oficial da CBF (www.cbf.com.br)

Com relação ao retorno desse grande número de atletas do exterior o jornalista da Rádio Eldorado ESPN-Brasil acredita em duas hipóteses: uma relacionada à frustração com o futebol europeu, e a conquista da independência financeira.

“São duas situações também, primeiro tem os jogadores brasileiros que vão para fora prematuramente, vão para centros nada competitivos, ficam pouco tempo e querem rapidamente retornar. São duas questões: a primeira eles voltam porque os times que eles aceitam a proposta não são clubes com a mesma estrutura que o que eles estavam aqui no Brasil, e ainda mais também, acabam não agradando esses times...e tem o segundo caso, que é jogadores que ficam 3, 4 anos fora do Brasil, fazem uma independência financeira...”
(AFONSO, Eduardo. 2008)

A independência financeira é um dos principais motivos, porém outros aspectos podem influenciar na decisão de um atleta profissional de voltar ao país de origem, mesmo sendo uma passagem curta ou longa por um clube europeu, asiático ou no oriente médio, país que cresce cada vez mais, porém com passagens curtas de em média



seis meses. Para o jornalista e narrador do Globo/Sportv, Jota Junior, esse fenômeno é cada vez mais comum entre os brasileiros de menor expressão do futebol.

“Exatamente por essa intimidade, essa proximidade de amor, de carinho com a família, né. E também não vejo que muitos voltam em razões de questão táticas, adaptação ao sistema de jogo lá de fora, não. Eu acho que o problema maior mesmo é esse problema íntimo de cultura mesmo do brasileiro. Porque pra jogar futebol ele sabe, né e não seria difícil ele se adaptar aos esquemas lá de fora, não.”
(JÚNIOR, Jota. 2008)

Essa independência financeira não se faz somente com uma transferência milionária, e sim com um contrato longo com recheados salários ao final do mês, além dos bônus e direitos de imagem, ou seja, dinheiro não colocado no contrato para não ser descontado nos impostos. Os excelentes contratos são poucos e muito valorizados no país da bola, mas se engana quem acha que o futebol brasileiro pela sua qualidade técnica e a grande quantidade de jogadores lidera o ranking das transações internacionais mais caras da história.

O líder do ranking está com o argelino, naturalizado francês Zinedine Zidane que transferiu da Juventus da Itália para o Real Madrid da Espanha por 75 milhões de euros, em 2001, onde posteriormente encerrou a carreira no time espanhol. Depois de Zizu, ainda estão o português Luis Figo, Crespo, Cristian Vieira, Mendieta, Buffon e Ferdinand, somente aí aparece um brasileiro no ranking, o fenômeno Ronaldo Nazário com a transação no valor de 45 milhões de euros quando saiu da Inter de Milão da Itália para migrar para a Espanha e se reunir aos galácticos do Real Madrid.

As transações citadas acima aconteceram entre clubes europeus, já no Brasil poucas transações internacionais passaram dos 30 milhões de euros, para falar a verdade, somente uma, que chegou aos 32 milhões de euros. Isso aconteceu com o atual atacante do Palmeiras Denílson, que em 1998, no arqui-rival São Paulo se transferiu para o Real Bétis da Espanha, continuando com a liderança do ranking brasileiro. Outra que chegou perto e aconteceu a pouco tempo com a estrela do Santos F.C., Robinho, que saiu da equipe do litoral paulista para o Real Madrid da Espanha por 30 milhões de euros, cerca de 50 milhões de reais na época.



Categoria de base

“Eu sai de casa, ai fiquei sabendo que ia ter uma peneira daqui né, meu procurador me chamou para fazer esta peneira, ai eu fiz né, la em Natal né, ai o Professor Pitta me avaliou, avaliou, e gostou de min e trouxe pra cá. Faz sete meses já...” (SANTOS, Miguel Luis. 2008)

Esta é a situação de muitos garotos que vão em busca de seu sonho, que é jogar futebol profissionalmente e conquistar uma estabilidade financeira, porém neste meio futebolístico existem vários desafios a serem ultrapassados como a saudade da família, a concorrência e a principalmente as pessoas que não estão no futebol para ajudar o garoto de 14, 15 anos a chegar no seu objetivo e sim para atrapalhar e lucrar com a qualidade e o talento deste jovem jogador.

A categoria de base de um clube tradicional como São Paulo, Flamengo entre outros não é mais o sonho desses garotos, é somente um trampolim para se jogar na Europa em times milionários como Manchester United da Inglaterra que levou do Brasil a pouco tempo dois irmãos gêmeos do Fluminense do Rio de Janeiro sem gastar quase nada.

Alguns garotos ainda resistem ao nome de um clube grande brasileiro, porém essa resistência sempre vem acompanhada de um bom salário e toda a estrutura imaginada, como é o caso de Neymar do Santos Futebol Clube.

“Eu vejo com tristeza, porque esse menino Neymar, ele tem 13 anos ou 14 anos, ele ganha 20 mil reais por mês, 20 mil reais pra uma criança de 13 anos porque se faz isso, pra segurar o pai, segurar o menino, segurar mãe, e deve ter feito um contrato com os pais de patrocínio, que paga 20 mil reais para cuidar da carreira, para dar o adestramento adequado ao jogador, e se esse jogador não vingar, e se esse jogador chegou em um determinado momento ele já ta sem um interesse pelo futebol, ele investiu tanto para amarrar, para segurar e não tomar prejuízo e acaba tomando um grande prejuízo.” (ZAMFORLIN, João.2008)

O clube tradicional que era o porto seguro para a família, e para o próprio atleta da base não tem mais nenhuma importância, o importa atualmente é o valor que se paga para ele atuar em clube de nome ou não. Com isso surgiu com muita força no futebol brasileiro os Clubes Empresas que nada mais são formadores de atletas, com o objetivo de



comercializá-los com grandes clubes da Europa, como é o caso do Grupo Traffic, que possui o clube Desportivo Brasil para vender esses atletas.

“Hoje aqui como a sua pergunta funciona eles pensam em revelar os jogadores para espalhar para o mundo inteiro né. Eu acho essa a visão do projeto Desportivo Brasil, um projeto que só tem a crescer. Pra fora, porque para fora do Brasil é onde rola o dinheiro, você tem quatro vezes mais o valor fora do Brasil do que aqui dentro.” (PIMENTA, Everton.2008)

Para o Presidente da Portuguesa de Desportos, a diferença é muito simples em relação ao clube tradicional e ao clube empresa.

“O problema do clube empresa faz pra ganhar dinheiro, a Portuguesa faz por paixão ao próprio torcedor, próprio jogador, isso ai acredito que isso não mude porque isso eles fazem igual faz um empresa fora do futebol que usa as coisas, vamos analisar de, uma comparação do pessoal ai que faz criação vai, mal comparando seria isso, o cara faz para criar e vender e o pessoal faz isto com o futebol, no caso das empresas ele não tem vinculo nenhum com o país, vinculo nenhum com ninguém, eles tem vinculo com o dinheiro, quanto que um clube além de tudo, desse trabalho, nem se preocupa com o próprio torcedor e com o próprio país né.” (LUPA, Manuel Da. 2008)

Com a criação dos clubes empresas, as categorias de base, e as escolinhas se enfraqueceram e principalmente desmotivou o jovem jogador a atuar no seu time do coração já que para chegar ao seu objetivo de estabilidade financeira é muito mais fácil jogar em um clube empresa como o Desportivo Brasil no caso para ser “exportado”, vendido para o exterior e atingir suas ambições dentro do futebol.

Um agravante para os clubes tradicionais nesse contexto é o aumento exorbitante de empresários que oferecem tudo para o atleta sair de um clube para outro. Esse problema vem se agravando a cada dia e necessita de mudanças como critica o Presidente da Portuguesa, Manuel da Lupa. Já o advogado João Zamforlim comenta possíveis mudanças na lei para ajudar o clube a manter o jogador mais tempo no clube formador.



“O time forma um menino a partir dos 7, 8 anos quando faz 14,15 que vai ser, quando chega nos 16 e vai fazer o seu primeiro contrato profissional vem um gaito ai que nunca deu nada pro futebol, diz que é empresário dá meia dúzia de tênis pro moleque, paga dois meses de aluguel da mãe, pega uma procuração e faz uma arruaça com o clube, fica com 40% da 60 pro clube, quando não fica com tudo e da 10 pro clube, isso que ta matando muito o futebol.” (LUPA, Manuel Da. 2008)

“O que se pensou mas também esta muito difícil no primeiro contrato com o jogador esse contrato ser de 5 anos e não de 3 anos como a FIFA estabelece para que tem menos de 18 anos, porque é exatamente ai que o calo ta pegando, com 16 anos você pode fazer o contrato com o jogador mas você só pode fazer por 3 anos e depois você teria o direito de renovação por mais 2 anos, o que se pede hoje ao Congresso Nacional, mais ai teria de pedia a FIFA que não levasse essa sua regra de não 3 anos, para que o Brasil pudesse segurar o seu jogador aqui até os 21 anos, há um esboço no congresso nacional que poderia voltar o chamado estágio né, você faria 3 anos com o jogador ele ainda na idade de 19 anos para se transferir ele teria de cumprir um estágio de dois anos” (ZAMFORLIN, João.2008)

Até a mudança da lei, segue essa situação onde os garotos das categoria de base de um time tradicional ou não tem como objetivo e sonho não em jogar num grande clube brasileiro e sim no exterior, para possa conquistar sua independência financeira o mais rápido possível e retornar ao seu país de origem posteriormente.

“É primeiramente eu queria estourar num clube brasileiro, para depois ir para Europa, mas hoje eu não vejo mais por esse ponto, eu queria ir jogar no exterior para ganhar dinheiro, hoje não quero mais estourar num clube brasileiro. Proposta tive, eu tive uma proposta no começo desse ano para ir para Itália, e agora de novo, as duas para a Itália, porque tenho dupla nacionalidade e facilita eu ir para lá.” (SALAGIU, Dráuzio.2008)



Referências Bibliográficas

BARBOSA FILHO, André. “**Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.**” Ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARBEIRO, Heródoto & RANGEL, Patrícia. “**Manual de jornalismo esportivo.**” Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BORSARI, Jose Roberto. “**Futebol de Campo**”. 1ª Ed. São Paulo: GELU-Pedagogica Universitária, 2006

COELHO, Paulo Vinícius. “**Jornalismo esportivo**”. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2003

COLTRO, Alex & COLTRO, Deborah F.P.. “**Trabalhos acadêmicos e científicos: Construindo Inteligentemente.**” 1ª Ed. São Paulo: Conhecimento e Sabedoria Ltda, 2005

FERRARETO, Luis Artur. “**Rádio: o veículo, a história e a técnica.**” 2ª Ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatta, 2001

GIL, Antonio Carlos. “**Métodos e técnicas de Pesquisa Social.**” Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MANZOLILLO, Luiz. “**Futebol: Revolução ou caos.**” 1ª Ed. São Paulo: Limitada, 2004

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. “**A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.**” Ed. São Paulo: Summus, 1985.

RODRIGUES, Adriano Costa. “**Jornalismo nas ondas do rádio.**” 2006:98. Arquivo PDF – Universidade Federal do Maranhão, São Luis. www.bocc.ibi.pt

SOARES, Edileuza. “**A bola no ar: O rádio esportivo em São Paulo.**” 1ª Ed. São Paulo: Summus, 1994

VIEIRA, Silvia & FREITAS, Armando. “**O que é futebol.**” 1ª Ed. São Paulo: Casa da Palavra, 2006

VOSER, Rogério da Cunha & GUIMARÃES, Marcos Giovanni Vieira & RIBEIRO, Everton Rodrigues. “**História, técnica e treino de goleiro.**” 1ª Ed. São Paulo: Edipucrs, 2006

KFOURI, Antonio Carlos & LEONCINI, Marcio Pereira & OLIVEIRA, João Jose. “**A nova gestão do futebol.**” 1ª Ed. São Paulo: FGV, 2000.



Sites Consultados

- <http://www.fiscosoft.com.br/indexsearch.php?PID=101719> lei nº.6.251
- <http://www.fiscosoft.com.br/indexsearch.php?PID=104919> lei nº8.650
- <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L8672.htm> lei nº8.672
- http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm lei nº. 9.615
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9981.htm lei nº.9.981
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.671.htm lei nº10.671
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10264.htm lei nº10.264
- http://portal.esporte.gov.br/arquivos/legislacao/resolucao_n1_e_codigo_brasileiro_justica_desportiva_23_12_03.pdf Código Brasileiro de Justiça Desportiva.
- <HTTP://www.cbf.com.br>
- <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Nº 95 - Abril de 2006